

Editorial

Nesta edição, além de artigos com abordagens variadas, que geralmente se agrupam sob temáticas como a criação, os diálogos e os instrumentos de cena, a revista *Moringa* apresenta três novidades. Uma delas diz respeito à própria denominação do periódico, que passa a ter as artes do espetáculo como subtítulo, chamando-se a partir de agora *Moringa – Artes do Espetáculo*, em consonância com as ações que se perpetuam no âmbito de nosso Departamento de Artes Cênicas, visando a constituição de um mestrado com ares contemporâneos e transdisciplinares. A segunda inovação perfaz-se na elaboração de um dossiê tão atual quanto necessário, sobre cena e tecnologia, que traz à tona os resultados teóricos surgidos da realização do Conexão XXI – Festival Cênico e de um simpósio sobre o tema, ocorridos no ano passado e realizados a partir das inquietações presentes em grupos de pesquisa ligados ao curso de teatro da UFPB. A terceira novidade desta edição é a seção *Documento*, cujo intuito será o de, eventualmente, trazer à luz textos e reflexões de valor histórico e ainda inéditos no Brasil.

Os artigos

Na parte de artigos sobre temas gerais, desta vez agrupados num único bloco, estão três contribuições vindas de instituições

diferentes. Na primeira, a autora Bya Braga (UFMG) expõe uma verve provocadora ao propor uma discussão sobre as relações entre a ciência e o fazer artístico. Elegendo como interlocutores nada menos que Josette Féral e Marco de Marinis, Braga se dispõe a um diálogo contemporâneo e de extrema proficuidade, em que transita nos terrenos sempre férteis da semiologia e da histórica dicotomia entre teoria e prática teatral, tendo como parâmetro a obra de Étienne Decroux.

Em seu artigo, Solange Caldeira (UFV), numa lúcida transcrição sobre uma das últimas criações de Pina Bausch, *Bamboo blues*. A partir de uma descrição preciosa, Caldeira nos permite vislumbrar as sensações provocadas pelas imagens e movimentos postos em cena pela coreógrafa alemã, um ícone das artes cênicas, falecida em 2009. Já como terceira e última contribuição, está o texto de Alexandre Mate (UNESP), que traz um panorama do teatro de grupo no Brasil, com a descrição de quase duas dezenas de coletivos, em geral com mais de dez anos de existência. Numa espécie de relato, o mérito do texto está no que o próprio autor declara em sua apresentação, ou seja, a possibilidade de abrir um espaço para o reconhecimento e contato entre tais agrupamentos.

Dossiê Cena e Tecnologia

Inegavelmente, os computadores e as redes digitais ocupam um espaço cada vez maior no cotidiano social. Com isto, milhões de aparelhos e de usuários interligam-se diariamente,

incorporando ao vocabulário comum termos que até recentemente pertenciam ao campo da ficção científica. Trata-se claramente de uma revolução, em que o constante desenvolvimento de equipamentos e programas voltados à simulação possibilita a criação de realidades diferenciadas, capazes de alterar a percepção social de tempo, espaço e relacionamento.

No campo das artes, tanto a intersecção de linguagens – prática constante nos dias de hoje – juntamente com o uso de recursos tecnológicos dão vazão a espaços e formas renovadas de expressão, incidindo inevitavelmente no trabalho do artista que passa a dividir o locus cênico com imagens, formas e signos que, com ele, protagonizam o espetáculo. Incorporando recursos intermediáticos e procedimentos vinculados às novas tecnologias, a cena contemporânea perfaz-se em novos paradigmas estéticos, que jogam sobretudo com a simulação e a interface, interferindo crucialmente nos modelos até hoje perpetuados de presença e representação. Esta intersecção entre arte e tecnologia traz para o espaço cênico questões ligadas ao cotidiano público e permite refletir não somente sobre sua incidência no âmbito artístico, mas também no plano social, onde a relação homem-máquina se impõe com intensidade crescente.

O Conexão XXI – Festival Cênico e o Simpósio Cena e Tecnologia ocorreram concomitantemente entre os dias 18 e 21 de agosto de 2010, na cidade de João Pessoa (PB). Idealizados e promovidos pelo Núcleo Cena e Contágio, linha de pesquisa vinculada ao

Grupo Teatro: Tradição e Contemporaneidade, do CNPq, vinculado ao Departamento de Artes Cênicas da UFPB, ambos eventos contaram com o apoio de instituições diversas, tanto públicas quanto privadas. O patrocínio geral do festival esteve a cargo da Prefeitura, por meio do Fundo Municipal de Cultura, gerenciado pela Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE), e tanto o Festival quanto o Simpósio tiveram como apoiadores fundamentais o Serviço Brasileiro de Pequenas e Médias Empresas (SEBRAE) e o Colégio Marista Pio X, além da própria UFPB, através de órgãos ligados à Reitoria e ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA). Primeiro do gênero no Estado e, com certeza, um dos poucos com essas características no Brasil, o evento contou com a participação de alguns dos principais grupos e pesquisadores do tema arte e tecnologia do país.

Considerando que uma das grandes contribuições que pode dar a pesquisa acadêmica situada no interstício entre as artes do espetáculo e a tecnologia é, justamente, a produção de conhecimento e a disponibilização de material reflexivo sobre o tema, a revista Moringa publica nesta edição, artigos e registros surgidos a partir daquele evento, além da contribuição de pesquisadores especialmente convidados para tal. Assim, acreditamos contribuir para um debate ainda bem recente, em escritos que vão desde a pesquisa de ponta para a constituição de novos softwares interativos, como é o caso do texto de Suzete Venturelli (UnB), até uma discussão sobre o papel da tecnologia cênica

na economia da produção cultural nordestina, de autoria de José Sávio Araújo (UFRN); da abordagem de sistemas tecnológicos no estudo e composição de notações coreográficas, feita por Maíra Spanghero (UFBA), até a análise e discussão de Ana Maria Bulhões (UNIRIO) sobre alguns resultados ocorridos na produção cênica brasileira, a partir do uso de recursos tecnológicos. Contribuem ainda para o debate, Naira Ciotti (UFRN), que faz um breve histórico das relações entre arte e tecnologia para refletir o próprio processo criativo, e o italiano Enrico Pitozzi (Universidade de Bolonha), num texto bastante instigante, em que, além da explanação sobre softwares disponíveis para uso cênico, expõe sobre algumas produções européias, discutidas aqui a partir da análise estrutural de sua composição e recepção. Como apresentação do tema, especificamente no campo da dança e do teatro, há um artigo de autoria de José Tonezzi e Guilherme Schulze (UFPB). Por fim, o diretor Rubens Velloso, do Grupo de Arte Global Phila7, de São Paulo, relata em entrevista suas vivências, inquietações e prospecções no âmbito da intersecção cena/tecnologia, apontando para questões tanto embrionárias quanto desafiadoras para o artista e para o espectador.

Documento

Como primeiro documento, a presente edição traz a tradução de um capítulo de livro de Richard Schchner – sugerido pelo próprio autor, que também compõe o nosso Conselho Editorial. Trata-se de um texto de 1985,

denominado “Performers e Espectadores – Transportados e Transformados”, em que, por meio dos fundamentos que regem a sua Teoria da Performance, Schechner traça as relações entre manifestações teatrais do Ocidente e certas práticas cênicas do Oriente. A expectativa é de que esta seção permita o preenchimento de vácuos que perduram em nossa bibliografia, mesmo considerando o elevado número de traduções que se tem notícia nos últimos anos em nosso mercado editorial.

Com as inovações apresentadas pretende-se que, ao sentido original de “bilha de barro, substantiva, sem casuísmos, para conter e refrescar as ideias de quem acredita na produção e investigação críticas das Artes Cênicas”, conforme apregoado no editorial de nossa primeira versão impressa, ainda no formato antigo, venha a se contemplar também, a partir de agora, os valores atribuídos a um certo vegetal, uma árvore denominada “moringa” (*Moringa oleifera*, pertence à família Moringaceae), originária do norte da Índia e hoje encontrada em diversos países dos trópicos, inclusive no Brasil. De caráter nutritivo e revitalizador, ela possui alto conteúdo de proteína e é rica em vitaminas A e C, cálcio, ferro e fósforo, além de outras propriedades bastante benéficas ao ser humano e ao meio ambiente, como a purificação da água através de sua semente. Oxalá nossa Moringa possa também trazer benefícios semelhantes ao nosso meio, estimulando a produção teórica e fortalecendo nossas pesquisas.

José Tonezzi